

# ARNOLD TOYNBEE E A HISTÓRIA COMPARADA DAS CIVILIZAÇÕES

JOSÉ D'ASSUNÇÃO BARROS\*

## RESUMO

Este artigo objetiva examinar a perspectiva historiográfica do historiador inglês Arnold Toynbee direcionada à constituição de uma História Comparada das Civilizações na primeira metade do século XX. Depois de uma análise do contexto no qual emerge a idéia de uma História das Civilizações no período da Primeira Guerra Mundial, o texto examina alguns aspectos da obra *Um Estudo de História*, produzido por Arnold Toynbee entre 1934 e 1965, e idealizado em momentos anteriores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Toynbee; História das Civilizações; História Comparada

## ABSTRACT

This article intends to examine the historical perspective of the English historian Arnold Toynbee in order to constitute a Compared History of Civilizations in the first half of the twentieth century. After an analysis of the context in which the idea of a History of Civilizations in the times of the First World War emerges, the text examines some aspects of the work *A Study of History*, published by Toynbee between 1934 and 1961, and idealized in anterior moments.

**KEY-WORDS:** Toynbee; History of Civilizations; Comparative History.

A História das Civilizações, trabalhada em uma perspectiva comparativista, constitui um domínio que tem fascinado historiadores e sociólogos em momentos diversos da história da historiografia. Sem pretender desenvolver um panorama mais abrangente desta perspectiva historiográfica, o nosso objetivo mais específico neste artigo será o de pontuar algumas das contribuições do célebre historiador inglês Arnold Toynbee (1889-1975) para este campo de estudos na primeira metade do século XX.

Será oportuno, antes de mais nada, situarmo-nos no contexto

---

\* Professor visitante da Universidade Federal de Juiz de Fora; professor titular da Universidade Severino Sombra (Vassouras, RJ) e professor titular do Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário (Rio de Janeiro).

que, na primeira metade do século XX, favorece o surgimento ou o fortalecimento não apenas desta modalidade historiográfica que pode ser denominada “História das civilizações”, como também a emergência de outros domínios historiográficos que elegem como unidade de observação historiográfica não mais a nação – esta que até então fora a grande unidade considerada pelos historiadores. Assim, para além daquela perspectiva historiográfica que toma como grande unidade a “civilização”, e não mais a “nação”, poderíamos citar também a perspectiva de uma “História Local”, que trabalha com uma perspectiva para além do nacional. De fato, tanto a “História das Civilizações” como a “História Local” constituem na verdade um posicionamento bastante crítico em relação à unidade de observação que vinha, no decorrer de todo o século XIX, atraindo a atenção da maior parte dos historiadores.

Da mesma forma, outra perspectiva que começa nesta mesma primeira metade do século XX a ser levada em consideração por historiadores de grande envergadura, com o foi o caso de Marc Bloch, foi a do comparativismo e da possibilidade de trabalhar com a idéia do desenvolvimento mais sistematizado daquilo que mais tarde viria a ser chamado de “História Comparada”. Essa abordagem também se relaciona com o tema que aqui estaremos examinando, uma vez que postularemos que a perspectiva de Toynbee é precisamente a de desenvolver uma “História Comparada das Civilizações”.

É importante compreender que existiu um contexto comum que proporcionou tanto a possibilidade de eleição de novas unidades de trabalho historiográfico para além do “nacional” – no caso, a “civilização” ou a “localidade” – como também a perspectiva comparativista, particularmente por oposição à concentração da atenção historiográfica em um único universo adstrito a singularidades nacionais. Por volta dos anos 1920, as nações européias viviam uma crise bastante significativa que levava muitos de seus maiores intelectuais a repensar os destinos das sociedades européias e das demais partes do mundo. O mundo já conhecera os horrores da Primeira Grande Guerra, e outros horrores ainda maiores estavam por vir com a ascensão do nazismo e a eclosão do segundo grande conflito mundial. Respirava-se então, em uma parte pelo menos significativa da intelectualidade européia, certo ar de desânimo em relação aos caminhos que tinham sido trilhados através daquele exacerbado culto ao nacionalismo que tanto caracterizara a estruturação dos estados-nações nos séculos anteriores. Mais ainda, de modo geral os historiadores tinham desempenhado um papel bastante relevante na organização institucional dos estados-nações, na estruturação de arquivos para o registro da memória nacional, na construção de narrativas laudatórias que exaltavam cada nação em

particular e que por vezes chegavam mesmo a conclamar indiretamente à guerra. Alguns, como François Guizot (1787-1874)<sup>1</sup>, tinham mesmo ocupado postos governamentais, e outros, como Jules Michelet (1789-1874), chefiaram arquivos nacionais em seus países<sup>2</sup>. Agora, diante dos aspectos nefastos daquele processo de exacerbação nacionalista que resultara em tão terrível desastre, era compreensível que, no complexo e multidiversificado circuito dos historiadores profissionais, surgissem aqui e ali os vestígios de um certo “mal-estar” da historiografia. Não era um sentimento necessariamente predominante em todos os países e ambientes, mas esse mal-estar certamente se fazia presente.

Não é de se estranhar que, nesse mesmo clima de desapontamento em relação ao nacionalismo radicalizado – que de resto seguiria adiante pelas décadas vindouras – tenham se fortalecido os primeiros sonhos de ultrapassagem dos antigos modelos propugnados por aquela velha historiografia nacionalista, que até então estivera sempre tão bem acomodada às molduras nacionais. É nesse ambiente que surgem, de um lado, os primeiros esforços de sistematização de uma História Comparada, e de outro lado, com mais possibilidade de complementar essa nova perspectiva, os primeiros questionamentos que colocavam em xeque a “nação” como unidade de observação privilegiada pelos historiadores. “Comparar” era de algum modo abrir-se para o diálogo, romper o isolamento, contrapor um elemento de “humanidade” ao mero orgulho nacional e, por fim, questionar a própria intolerância recíproca entre os homens – esta que logo seria coroadada com a explosão da primeira bomba atômica<sup>3</sup>. Da mesma forma, observar com maior atenção as singularidades da “localidade”, por dentro da nação, ou os contrastes e analogias possíveis entre unidades ainda maiores que a nação, como por exemplo

---

<sup>1</sup> François Guizot ocupou o cargo de primeiro-ministro da França entre 19 de setembro de 1847 e 23 de fevereiro de 1848. Antes, fora ministro da Instrução Pública.

<sup>2</sup> Jules Michelet foi chefe da seção histórica dos arquivos nacionais na França.

<sup>3</sup> Marcos importantes na reflexão da primeira metade do século XX sobre o comparativismo histórico e a possibilidade da constituição de uma História Comparada são dois notórios textos escritos por Marc Bloch: (1) “Pour une histoire comparée des sociétés européennes”, in *Revue de Synthèse Historique*. Paris: La Renaissance du Livre, t. 46, p. 15-50, 1928; (2) “Comparaison”, in *Bulletin du Centre International de Synthèse*, Paris, n. 9, jun. 1930. Estas obras constituem o esforço de uma primeira sistematização teórica de uma prática que já vinha sendo vivenciada por Marc Bloch em obras como *Os Reis Taumaturgos* (1924), na qual o historiador francês toma como universo de análise uma dinastia real inglesa e uma dinastia real francesa, comparando-as relativamente a certo aspecto do imaginário régio que era a idéia da capacidade curativa dos reis (*Os Reis Taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio – França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993).

a “civilização”, era atentar para complexidades que iam para muito além das simplificações e generalizações em torno do “nacional”. Os discursos inflamados em torno da unidade nacional e das generalizações utilizadas para a construção da idéia de patriotismo haviam conduzido o mundo a resultados a serem repensados. Mesmo sem rejeitar a idéia de nacionalidade, que de resto ainda continuaria vigorando como um elemento importante para a constituição das identidades no mundo contemporâneo, era preciso trabalhar também com novas perspectivas, capazes de oferecer um contraponto harmonioso à idéia de nação.

Entre as realizações mais significativas da primeira metade do século XX direcionadas à constituição de uma História das Civilizações, destacam-se particularmente as obras de Oswald Spengler (1879-1936) e de Arnold Toynbee como os exemplos mais notáveis. Será oportuno, antes de prosseguirmos examinando a contribuição de Toynbee, lembrarmos as proposições do historiador alemão que o precedeu em uma ambição análoga de traçar um panorama histórico das grandes civilizações de uma perspectiva comparativista e sistematizada.

Rigorosamente falando, Spengler estava mais interessado em examinar os destinos de uma cultura específica, a da Civilização Ocidental, mas considerou que para realizar esse intento seria necessário contrapô-la às demais civilizações históricas conhecidas. Propôs-se, então, em uma obra que lançaria com grande impacto em 1918, examinar as oito civilizações históricas por ele mesmo identificadas, considerando-as como organismos sujeitos a um mesmo ciclo vital que seria marcado pelas inevitáveis etapas do nascimento, juventude, maturidade, senilidade e morte<sup>4</sup>. Seu método comparativo amparava-se na idéia de buscar diferenças entre essas civilizações – específicas embora homólogas no que concerne à sua inevitável sujeição ao ciclo vital – de modo a extrair dessas diferenças comparadas a feição específica de cada uma. Ao mesmo tempo, Spengler perseguia também as analogias entre as diversas civilizações no que concerne à passagem de um estágio a outro, editando mais uma vez a ambição de generalizar os desenvolvimentos históricos das sociedades humanas.

Embora tenha sido um leitor bastante interessado em Spengler, Arnold Toynbee chegara à ambição de construir uma História das Civilizações por um caminho distinto, e que de certo modo era tanto uma contra-resposta ao modelo das historiografias nacionais típicas do século XIX, como uma resistência diante da tendência monográfica do século XX, que já começava a render seus frutos sob a forma de

---

<sup>4</sup> SPENGLER, Oswald. *The Decline of the West*. New York: A. Knopf, 1926-1928.

“estudos de caso” ou mesmo das primeiras monografias de História Regional que logo atingiriam, em meados do século XX, o seu primeiro momento de intensa profusão. Com relação à velha História Política inspirada pelos exacerbados sentimentos nacionalistas que se ancoravam na estrutura inflexível de cada estado-nação, Toynbee acreditava que teria sido precisamente esse sentimento nacionalista o principal responsável pelos massacres expressos pela Primeira Grande Guerra, entre os anos 1914 e 1918, e a isso contrapunha a idéia de que não seria possível compreender a história universal – a única que valeria realmente a pena – nos quadros estreitos dos estados-nação. Estes, para ele, não seriam mais do que membros de um corpo bem maior, a Civilização, de modo que seria extremamente perniciosa a sua particularização em histórias isoladas – contrapartida do recíproco digladiamento de que fora testemunha a Grande Guerra. Assim, para Toynbee, seria preciso sempre partir do todo – a História das Civilizações – para somente depois atingir as suas partes, representadas pelas histórias dos povos e nações<sup>5</sup>.

Alguns elementos biográficos podem ser úteis para se entender a trajetória historiográfica de Toynbee. O historiador inglês foi professor da Universidade de Londres entre 1919 e 1955, e também dirigiu durante muitos anos o Royal Institute of International Affairs (1925-55). O conhecimento do grego e da civilização da Grécia Antiga foi o seu ponto de partida, expresso em algumas das obras que escreveu e também nas disciplinas que lecionou durante a carreira como professor universitário<sup>6</sup>. Contudo, o conhecimento aprofundado da civilização grega não o levaram a se auto-enxergar da perspectiva de um especialista que deveria se dedicar a um único objeto de estudo. De

---

<sup>5</sup> É interessante contrapor as propostas de Toynbee, bastante renovadoras para a historiografia de sua época, com a posição política conservadora que normalmente lhe é atribuída, e que foi reforçada por sua desconfiança em relação aos projetos socialistas. Simone de Beauvoir, por exemplo, situa-o no quadro do pensamento conservador em seu livro *O pensamento de direita, hoje* (1955). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. Contrapondo-se à então vigente tendência ao especialismo historiográfico, que considerava como um dos desdobramentos dos modos de pensamento introduzidos pelas sociedades industriais com as suas linhas de montagem de produtos, Toynbee propôs-se realizar um monumental esforço de erudição histórica que permitisse uma compreensão mais ampla da história humana.

<sup>6</sup> Entre as obras voltadas para o estudo da antiga civilização grega, destacam-se (1) *Greek Civilization and Character: the Self-Revelation of Ancient Greek Society*. London: Dent, 1924; (2) *Greek Historical Thought from Homer to the Age of Heraclius, with two pieces newly translated by Gilbert Murray*. London: Dent, 1924; (3) *Hellenism: the History of a Civilization*. Oxford: Oxford University Press, 1959; (4) *Some Problems of Greek History*. Oxford: Oxford University Press, 1969; (5) *The Greeks and their Heritages*. Oxford: Oxford University Press, 1981 [posthumous].

fato, a realização inicial de seu projeto de construir uma história das civilizações já remonta a essa época de atuação como professor universitário<sup>7</sup>, depois da qual se dedicou, ao lado de sua intensa atividade autoral, a viajar pelo mundo – o que foi também fundamental para o seu trabalho, já que a este incorporava freqüentemente as observações obtidas dessa vivência de muitos ambientes culturais<sup>8</sup>. A sua acurada capacidade de observação das relações entre a paisagem geográfica e o ambiente sociocultural, logo transferidas para as suas análises historiográficas, remonta de certo modo à experiência adquirida nessas viagens.

Ao mesmo tempo em que rejeitava veementemente a história política e estatal aprisionada pelas molduras nacionais – à qual contrapunha a antítese de um padrão historiográfico que traria os conceitos de Cultura e Civilização para o primeiro plano<sup>9</sup> – Toynbee também acreditava que a História Monográfica, atravessada por este hiper-especialismo que seria tão característico do mundo contemporâneo, era na verdade uma espécie de “perversão inerente à sociedade industrial”, um “estreitamento de horizontes”<sup>10</sup>. Nesta crítica à historiografia monográfica, aliás, Toynbee deve ser situado em campo adverso à posição assumida por Lucien Febvre em 1922, que em *A Terra e a Evolução Humana* sustenta uma proposta de estímulo à produção monográfica com vistas à realização de uma espécie de “mega-história comparada”, simultaneamente construída a muitas mãos e a partir de um movimento de baixo para cima:

Quando possuímos mais algumas boas monografias regionais novas – então, só então, reunindo seus dados, comparando-os, confrontando-os

---

<sup>7</sup> A referência inicial das ambições de Toynbee em construir uma História das Civilizações é o ano de 1914 – sintomaticamente o ano em que explode a 1.ª Guerra Mundial. Por outro lado, a preocupação de Toynbee com os choques civilizacionais se expressa também em outras obras, como *The Western Question in Greece and Turkey: a Study in the Contact of Civilizations*. London: Constable, 1922.

<sup>8</sup> As viagens de Toynbee renderam-lhe a composição de um livro intitulado *Uma jornada ao redor do mundo* (TOYNBEE, A. *East to West: a Journey Round the World*. Oxford: Oxford University Press, 1958). Por outro lado, as memórias do historiador inglês estão registradas em um livro intitulado *Experiências* (TOYNBEE, A. *Experiences*. Oxford: Oxford University Press, 1969).

<sup>9</sup> O conceito de Civilização é utilizado por Toynbee para definir um estágio superior a que determinada cultura conseguiu atingir, sendo importante ressaltar que o historiador inglês rompe com o uso etnocêntrico que vinha sendo impingido a esse conceito por intelectuais europeus que costumavam aplicar a palavra “civilização” apenas à Cultura Ocidental. Assim, Toynbee asseverava que das inúmeras culturas existentes (cerca de 650, segundo um estudioso da época no qual se baseara o historiador inglês), apenas algumas poucas tinham tido sucesso em alcançar o patamar de civilizações.

<sup>10</sup> TOYNBEE, Arnold. *Study of History*. London: Oxford University Press, 1934-1961. v. 1, p. 27.

minuciosamente, poderemos retomar a questão de conjunto, fazer com que dê um passo novo e decisivo – tenha êxito. Proceder de outro modo seria partirmos, munidos de duas ou três idéias simples e grosseiras, para uma rápida excursão. Seria, na maioria dos casos, deixarmos de ver o particular, o indivíduo, o irregular, isto é, em suma, o mais interessante.<sup>11</sup>

O interesse pelos regionalismos, contudo, passava muito longe das preocupações de Arnold Toynbee. Ambicionando fazer da história algo mais grandioso, que pudesse transformá-la em um monumental instrumento para a compreensão humana e para uma explicação da crise que o Ocidente expressara a partir das duas Guerras Mundiais, o historiador inglês pôs-se entre 1934 e 1961 a examinar comparativamente a história do mundo, até identificar 21 civilizações para as quais estava particularmente preocupado em estabelecer analogias válidas, ao mesmo tempo em que buscava rejeitar o pessimista “ciclo vital” proposto por Oswald Spengler. Embora reconhecendo como um dos modos de desenvolvimento da humanidade o aspecto “cíclico”, Toynbee matizava-o com outro aspecto igualmente importante – o modo de desenvolvimento progressivo. Se as civilizações podiam decair, também tinham a possibilidade de serem bem-sucedidas em uma espécie de “luta pela sobrevivência”, bem ao estilo darwinista, na qual desempenharia papel importante um mecanismo de “incitação e resposta” que seria o verdadeiro motor das civilizações. Entre a contemplação do pessimista “ciclo vital” proposto por Spengler e a bem-calculada adaptação da idéia de um “mecanismo de incitação e resposta”, importado da Teoria Evolucionista de Darwin, a obra de Toynbee flutua sobre o pessimismo e a esperança.

Creio na iminência de um mundo único, e creio que no século XXI a vida humana vai ser novamente uma unidade, em todos os aspectos e atividades. Creio que no campo da religião, o sectarismo vai ser subordinado ao ecumenismo; que no campo da política o nacionalismo vai ficar subordinado ao governo mundial; e que no campo do estudo dos assuntos humanos a especialização vai ser subordinada a uma visão abrangente.

Com vistas a comprovar este modelo mais acabado que – embora admitindo a idéia de “declínio de civilizações”, também incorpora a idéia de “sobrevivência das civilizações” – Toynbee se dedicaria a um sistemático comparativismo histórico amparado em vasta erudição. Seu

---

<sup>11</sup> FEBVRE, Lucien. *La Terre et l'évolution humaine: introduction géographique à l'histoire*. Paris: 1922. p. 90.

ponto de partida foi o trauma da Primeira Grande Guerra, este que também motivaria a emergência de outros projetos de História Comparada, como o de Bloch ou o de Pirenne. Com relação ao impacto da Primeira Guerra Mundial na obra de Toynbee, é oportuno lembrar que, em seu depoimento intitulado “Minha visão de História”, Toynbee identifica-se sintomaticamente com o historiador grego Tucídides, com a sua motivação de encontrar na História as causas para o trágico desastre da Guerra do Peloponeso – este conflito de inúmeras batalhas entre os antigos atenienses e espartanos que terminaria por arruinar definitivamente a Civilização Grega. Comparando o conflito mundial de 1914 aos conflitos do Peloponeso entre os gregos antigos – e a si mesmo com o antigo historiador grego que tanto se impressionara com a tragédia ateniense-espartana – Toynbee formulara para si mesmo a idéia de que a Civilização Ocidental e a Civilização Helênica possuíam não apenas aspectos em comum como também tinham sido levadas a percorrer uma trajetória análoga de ascensão, apogeu e declínio.

A possibilidade de comparar civilizações distanciadas no espaço e no tempo, desta maneira, tomou forma como um projeto que visava a compreender a humanidade através da iluminação recíproca entre as suas diversas civilizações históricas. O resultado desse grandioso empreendimento que se fundou sobre o atento exame de diversificadas civilizações foi a monumental obra *Um estudo de História*, em doze volumes que faziam do comparativismo histórico uma verdadeira missão.

Será oportuno ressaltar que o próprio plano fundador do *Estudo de História* de Toynbee já traz a evidência de que, desde o princípio, o historiador inglês já se colocava diante da questão de construir sistematicamente uma autêntica História Comparada das Civilizações, e não diante da perspectiva de elaborar uma História das Civilizações construída a partir da superposição de estudos históricos de civilizações distintas.

- (I) – Introdução – A gênese das civilizações
- (II) – O crescimento das civilizações
- (III) – O colapso das civilizações
- (IV) – A desintegração das civilizações
- (V) – Estados universais
- (VI) – Igrejas universais
- (VII) – Idades heróicas
- (VIII) – Contatos entre as civilizações no espaço
- (IX) – Contatos entre as civilizações no tempo
- (X) – Ritmos das histórias das civilizações
- (XI) – As perspectivas da civilização ocidental
- (XII) – A inspiração dos historiadores (XIII)



A perspectiva de realizar uma autêntica História Comparada das Civilizações, como se vê, atravessa de alto a baixo o roteiro da monumental obra de Toynbee. Para além disso, será importante situar ainda a História Comparada das Civilizações produzida pelo historiador inglês em um duplo contraste esclarecido pelo próprio autor. Esta deveria guardar distância não apenas em relação à velha crônica política dos estados-nacionais e à “história dos grandes homens” apregoada por Carlyle no século XIX, como também em relação à história edificada sobre a busca da descrição das forças produtivas e seus conflitos de classe, como propunha a filosofia da História trazida pelo marxismo. Para Toynbee, a História deveria se ocupar da análise de questões bem mais amplas, ao nível das civilizações, e era essencialmente este o seu projeto de História Comparada.

As contribuições de Spengler e Toynbee fundaram uma linha de reflexão que se estende para as gerações seguintes, embora sem maior impacto, sendo oportuno observar que bem mais tarde, já no fim do século XX, a análise comparativa de civilizações seria retomada com maior vigor por autores como Samuel Huntington – preocupado com *O choque das civilizações*<sup>12</sup>. De qualquer maneira, é importante salientar que não partiu apenas de Toynbee a única crítica às molduras nacionais que aprisionavam o velho modelo de História preconizado no século XIX. Longe disto, tal como já fizemos notar no início deste ensaio, esta era na verdade uma reivindicação de diversos dos historiadores do entreguerras, e o mais claro sintoma disso foi um congresso realizado em Bruxelas, no qual se discutiu intensamente a necessidade de superação do modelo das histórias nacionais aprisionadas em compartimentos estanques. Ao lado da História Comparada das Civilizações, proposta por Spengler e mais tarde por Toynbee, começava a surgir desde ali também uma outra resposta, a de uma História Total que considerasse o conjunto de nações europeias em sua relação recíproca – sendo este o objetivo de Henri Pirenne (1862-1935)

---

<sup>12</sup> HUNTINGTON, Samuel. *O choque das civilizações*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. Ver ainda, para registro das Histórias de Civilizações posteriores à de Spengler e Toynbee, as obras de outros autores: (1) BAGBY, Philip. *Culture and History, Prolegomena to the Comparative Study of Civilizations*. Londres: Longman, 1958; (2) COULBORN, Rushton. *The Origin of Civilized Societies*. Princeton: Princeton University Press, 1959; (3) QUIGLEY, Carroll. *The Evolution of Civilizations: an Introduction to Historical Analysis*. Nova York: MacMillan, 1961; (4) MELKO, Matthew. *The Nature of Civilizations*. Boston: Porter Sargent, 1969. Numa perspectiva bem distinta deve ser considerada a *Gramática das Civilizações* de Fernand Braudel, que não pode ser considerada sob o prisma da História Comparada das Civilizações, já que o que se realiza é uma superposição de Histórias de Civilizações (BRAUDEL, Fernand. *Gramática das Civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989).

ao propor o uso da comparação com vistas a construir uma *História Européia*<sup>13</sup>. De igual maneira, a senda apontada por Marc Bloch renderia frutos futuros para o comparativismo histórico, com vistas à possibilidade de problematizações que transpusessem o estreito quadro das fronteiras nacionais.

## REFERÊNCIAS

AT SMA, Hartmut; BURGUIÈRE, André (Orgs.). *Marc Bloch aujourd'hui: histoire comparée & sciences sociales*. Paris : Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1990.

BEAUVOIR, Simone de. *O pensamento de direita, hoje*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio – França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. In: \_\_\_\_\_. *Mélanges historiques*. Paris: 1963. t. 1. p. 15-50.

\_\_\_\_\_. Comparaison. *Bulletin du Centre International de Synthèse*, Paris, n. 9, juin 1930.

BAGBY, Philip. *Culture and History: Prolegomena to the Comparative Study of Civilizations*. London: Longman, 1958.

BRAUDEL, Fernand. *Gramática das civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FEBVRE, Lucien. *La Terre et l'évolution humaine: introduction géographique à l'histoire*. Paris, 1922.

HUNTINGTON, Samuel. *O choque das civilizações*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

MELKO, Matthew. *The Nature of Civilizations*. Boston: Porter Sargent, 1969.

PIRENNE, Henri. *Historia de Europa, desde las invasiones al siglo XVI*. México, 1981.

QUIGLEY, Carroll. *The Evolution of Civilizations: an Introduction to Historical Analysis*. New York: MacMillan, 1961.

SPENGLER, Oswald. *The Decline of the West*. Munich: Beck, 1920.

TOYNBEE, Arnold. *Study of History*. Londres: Oxford University Press, 1934-1961. 12 v. [*Um Estudo da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1987].

\_\_\_\_\_. *The Western Question in Greece and Turkey: a Study in the Contact of Civilizations*. London: Constable 1922.

\_\_\_\_\_. *Greek Historical Thought*. Oxford: Oxford University Press, 1924.

\_\_\_\_\_. *Greek Civilization and Character: the Self-Revelation of Ancient Greek Society*. London: Dent, 1924.

\_\_\_\_\_. *Greek Historical Thought from Homer to the Age of Heraclius, with two pieces newly translated by Gilbert Murray*. London: Dent, 1924.

\_\_\_\_\_. *A Journey to China, or Things Which Are Seen*. London: Constable, 1931.

\_\_\_\_\_. *The World and the West*. Oxford: Oxford University Press, 1953.

---

<sup>13</sup> PIRENNE, Henri. *Historia de Europa, desde las invasiones al siglo XVI*. México: 1981.

- \_\_\_\_\_. *Hellenism: the History of a Civilization*. Oxford: Oxford University Press, 1959.
- \_\_\_\_\_. *Hannibal's Legacy: the Hannibalic War's Effects on Roman Life*. Oxford: Oxford University Press, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Some Problems of Greek History*. Oxford: Oxford University Press, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Experiences*. Oxford: Oxford University Press, 1969.
- \_\_\_\_\_. *East to West: a Journey Round the World*. Oxford: Oxford University Press, 1958.
- \_\_\_\_\_. *A Humanidade e a Mãe Terra*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- \_\_\_\_\_. *The Greeks and Their Heritages*. Oxford: Oxford University Press, 1981. [posthumous].
- TOYNBEE, Arnold; BRYCE, Lord. *Atrocidades turcas na Armênia*. Paz e Terra, 2003 (*The Armenian Atrocities: the Murder of a Nation*. London: Hodder & Stoughton, 1915).

